

Filol. Linguíst. Port., São Paulo, v. 20, n. 2, p. 293-309, ago./dez. 2018
<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v20i2p293-309>

Papiamentu: crioulo de base espanhola?

Papiamentu: a Spanish-base creole?

Shirley Freitas*

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, S. Fr^{co}. do Conde, BA, Brasil

Manuele Bandeira**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, S. Fr^{co}. do Conde, BA, Brasil

Gabriel Antunes de Araujo***

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

Resumo: Sendo a origem do papiamentu ainda um assunto controverso entre os estudiosos, o objetivo deste artigo é discutir a possível gênese espanhola da língua caribenha (cf. Maduro, 1965; Rona, 1970; Munteanu, 1999, entre outros), contribuindo para as discussões acerca de sua origem e de sua língua lexificadora. A partir da análise, observa-se que a hipótese de um crioulo espanhol apresenta diversos pontos controversos. No âmbito mais geral, não há crioulos de base espanhola na região atlântica em virtude das próprias características da colonização. Especificamente no que tange ao papiamentu, também há pontos questionáveis, como o papel atribuído aos indígenas e a continuidade no uso do espanhol na ilha caribenha. No âmbito linguístico, observa-se que os itens de procedência portuguesa fazem parte do léxico funcional e são bastante antigos na língua, o que mostra que não é possível atribuir à influência portuguesa uma importância menor. Em síntese, conclui-se que, ainda que o espanhol tenha influenciado a formação do papiamentu (defendendo-se uma base luso-espanhola para a língua), não é possível considerar que a língua caribenha derivou do espanhol, sendo necessário considerar outros elementos para explicar a gênese e o desenvolvimento da língua.

Palavras-chave: Papiamentu. Origem espanhola. Papel dos indígenas. Uso contínuo do espanhol. Itens lexicais e funcionais.

Abstract: As the origin of Papiamentu is still a controversial subject among scholars, the aim of this article is to discuss a possible Spanish genesis of this Caribbean language (see Maduro, 1965; Rona, 1970; Munteanu, 1999, among others), contributing to discussions about its origin and its lexifier language. From the analysis, it is observed that the hypothesis of a Spanish Creole has several controversial points. In the more general context, there are no Spanish-based creoles in the Atlantic region because of the very characteristics of its colonization. Specifically as regards Papiamentu, there are also questionable points, such as the role attributed to natives and the continuity in the use of

* Professora adjunta do setor de Linguística, Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, BA, Brasil; shirleyfreitas@gmail.com

** Professora adjunta do setor de Linguística, Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, BA, Brasil; manuele28@gmail.com

*** Professor livre-docente do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil; g.antunes@usp.br

Spanish on the Caribbean Island. In the linguistic context, the items of Portuguese origin are part of the functional lexicon and are quite old in the language, which shows that it is not possible to attribute a minor importance to the influence of Portuguese. In summary, it is concluded that, although Spanish has influenced the formation of Papiamentu (defending an Portuguese-Spanish basis for the language), it is not possible to consider that this Caribbean language derived from Spanish. Other elements are necessary to explain the genesis and development of this language.

Keywords: Papiamentu. Spanish origin. Role of natives. Continuous use of Spanish. Lexical and functional items.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por objetivo discutir a possível base espanhola do papiamentu, lançando luzes não apenas sobre a questão da origem da língua caribenha, mas também sobre a definição de sua base lexificadora¹.

O papiamentu é uma língua crioula falada na região do Caribe e na Holanda. Este estudo concentra-se na variedade falada em Curaçao, onde vivem cerca de três quartos dos falantes dessa língua, aproximadamente 150 mil pessoas (CBS, 2012, p. 2). No que concerne à gênese e ao desenvolvimento do papiamentu, não há concordância entre os estudiosos, havendo, pelo menos, quatro hipóteses. De acordo com Maduro (1965, 1966a, 1966b, 1966c), Rona (1970) e Munteanu (1996), o papiamentu seria um crioulo de base espanhola², tendo sido seus elementos portugueses introduzidos mais tarde por judeus sefarditas. Já Lenz (1928) e Martinus (1996, 2007) consideram o papiamentu como resultado da relexificação de um crioulo ou protocrioulo afroportuguês falado por escravos africanos. Goodman (1996[1987]) e Smith (1999), por seu turno, advogam que o papiamentu seria um crioulo de base portuguesa, surgido a partir de um 'dialecto' judeo-português da comunidade sefardita e de seus escravos. Por fim, Jacobs (2009a, 2009b, 2012a) defende que o papiamentu teria se originado a partir do crioulo falado na ilha de Santiago, situada no arquipélago de Cabo Verde, sendo mais tarde levado para Curaçao.

A partir das hipóteses, é possível perceber que o papiamentu seguramente teria uma base luso-espanhola (portuguesa ou espanhola). Contudo, definir a língua lexificadora do papiamentu ainda é um assunto controverso, havendo defensores das duas posições. Maduro (1966a, 1966b, 1966c), por exemplo, defende uma base espanhola para o papiamentu. Goodman (1996[1987], p. 544-554) e Smith (1999, p. 273-295), por sua vez, advogam um crioulo inicial de base portuguesa. Adicionalmente, Kouwenberg e Muysken (1995, p. 205) afirmam que o léxico mais antigo do papiamentu teria uma forma portuguesa, sendo o contato posterior e extensivo com o espanhol o responsável por obscurecer essa contribuição inicial.

¹ Esse texto se beneficiou de comentários de um revisor anônimo, que chamou atenção para a importância de apontar uma hipótese alternativa para explicar a gênese e o desenvolvimento do papiamentu, trazendo, assim, maiores contribuições para a discussão. Agradecemos ao revisor, deixando claro ainda que quaisquer erros e inadequações são de nossa inteira responsabilidade.

² Neste estudo, o termo 'base' se refere à língua lexificadora, isto é, aquela que forneceu a maior parte do léxico do papiamentu.

Birmingham (1970, p. 143), por seu turno, aponta que a principal dificuldade em determinar se o papiamentu deriva do português ou do espanhol diz respeito ao fato de essas duas línguas em geral apresentarem aspectos morfológicos coincidentes. Já Lipski (2008, p. 547) considera que a influência atual do espanhol no papiamentu dificulta (ou mesmo impede) uma investigação completa sobre a fonte dos elementos portugueses na língua caribenha. Dentro desse debate, o posicionamento de Grant (2008a, p. 47-61; 2008b, p. 73-84) ocupa uma espécie de meio-termo. O autor não toma partido na discussão acerca da base lexical do papiamentu – português ou espanhol – advogando uma convergência de diferentes cenários.

O estudo encontra-se organizado da seguinte forma: a seção 2 apresenta os aspectos basilares das hipóteses que defendem o papiamentu como sendo um crioulo espanhol; já a seção 3 analisa essas hipóteses, apontando seus pontos positivos e negativos; na seção 4, apresenta-se brevemente uma proposta alternativa para explicar a gênese e o desenvolvimento do papiamentu; por fim, na seção 5, aparecem as considerações finais do estudo.

2 HIPÓTESES DE QUE O PAPIAMENTU SERIA UM CRIOULO ESPANHOL: PRESSUPOSTOS GERAIS

As hipóteses que sugerem uma origem espanhola para o papiamentu têm como seus principais defensores Maduro (1965, 1966a, 1966b, 1966c), Rona (1970), Ferrol (1982) e Munteanu (1996). Uma das evidências apontadas pelos autores para advogar uma origem espanhola para o papiamentu seria o caráter hispanicizado de seu léxico. Outro aspecto geralmente mencionado para fortalecer essa hipótese são os registros de que havia constantes serviços de missionários religiosos hispanofalantes em Curaçao desde meados do século XVII (Araujo, 2011, p. 9-11; Jacobs, 2012a, p. 21, 334-335). Talvez essa presença do espanhol na ilha seja ainda mais antiga, uma vez que Araujo (2011, p. 9) aponta que, em 1531, mais de cem anos antes da ocupação holandesa, missionários espanhóis haviam fundado uma diocese próxima das ilhas de Aruba, Bonaire e Curaçao, a qual foi transferida para Caracas em 1638.

A despeito de algumas pequenas nuances diferentes, as hipóteses que advogam uma base espanhola compartilham a premissa de que o papiamentu se formou a partir da criouliização do espanhol em uma região do Caribe, possivelmente em Curaçao e Aruba. Para essa corrente, o papiamentu não seria uma língua importada originária de um protocrioulo português trazido da África Ocidental pelos escravos, mas uma língua autóctone, formada no próprio Caribe com base no espanhol falado desde os primórdios da ocupação espanhola (Rona, 1970, p. 2, 8). De acordo com Ferrol (1982, p. 85), os (reduzidos) elementos portugueses encontrados no papiamentu poderiam ser atribuídos à influência dos judeus sefarditas (e seus escravos), que começam a chegar a Curaçao a partir de 1651.

A assunção de que o papiamentu seria um descendente direto do espanhol se apoia em dois pressupostos. Em primeiro lugar, atribui-se um importante papel aos indígenas na formação do papiamentu. Eles teriam fornecido a base sobre a qual o papiamentu se desenvolveu, uma vez que, juntamente com os colonizadores espanhóis, eram falantes de alguma variedade de espanhol – possivelmente transmitida entre falantes de L2 e com alto grau de reestruturação (Lucchesi e Baxter

2009, p. 101-107) –, herdada dos primeiros contatos com os hispânicos³. Considerando essa participação dos indígenas, os defensores de uma origem espanhola se opõem à ideia de que, após a tomada de Curaçao pelos holandeses em 1634, o elemento indígena era pouco representativo na ilha e, por conseguinte, não participou ativamente da configuração linguística do papiamentu. Munteanu (1996, p. 85) defende a presença do elemento indígena em Curaçao mesmo após a ocupação holandesa, afirmando que a não menção a esse segmento em documentos de fins do século XVII não quer dizer necessariamente que ele não existia mais na ilha; já Grant (2008b, p. 88) aponta que a permanência de índios depois da ocupação holandesa seria justificada pelos seus conhecimentos sobre a criação de gado, aspecto valorizado pelos colonizadores⁴. Van Buurt (2009, p. 57-59) também afirma que, apesar de os registros apontarem que, com a conquista holandesa, todos os espanhóis e a maior parte dos indígenas foram deportados para a costa venezuelana, isso não significa o fim categórico da presença indígena em Curaçao. Segundo o autor, embora o número de índios caquetíos tenha diminuído na ilha, eles não foram totalmente banidos, com a permanência de alguns povoamentos. Assim, não se pode desconsiderar o contato entre os índios e outros segmentos sociais (como colonizadores europeus e escravos) e inclusive a influência indígena na formação do papiamentu. Jacobs (2012b, p. 2) também afirma que alguns índios continuaram a viver em Curaçao depois da conquista holandesa. Fouse (2002, p. 126) – com base em Brada (1951, p. 9) – menciona que, contrário à política inicial de enviar os indígenas curaçolenhos para a ilha de Hispaniola, a partir de 1520, Juan de Ampués, então governador de Curaçao, permitiu o retorno dos índios para a ilha caribenha. Esse posicionamento dos defensores da base espanhola do papiamentu se coaduna àquele adotado por Luna e Faraclas (2012, p. 88, tradução nossa) com relação à participação do elemento indígena na formação das línguas crioulas:

A evidência histórica contradiz premissas comumente defendidas sobre o extermínio das populações indígenas durante os cem primeiros anos de colonização, sobre a ausência de contato entre as populações indígenas e aquelas de descendência europeia e africana, sobre o total isolamento e marginalização dos povos indígenas, bem como sobre sua ausência de resistência à invasão. Contrário aos discursos predominantes entre os crioulistas, os povos indígenas não estavam apenas presentes em ‘ilhas críticas’ em ‘períodos críticos’, mas também tinham contato extensivo e íntimo tanto com as populações de origem africana quanto europeia⁵.

³ Segundo Domingos (1974, p. 6), durante a ocupação espanhola, os indígenas que viviam em Curaçao falavam caquetío (língua da família arauaque); já em 1634, os holandeses que chegaram à ilha caribenha encontraram índios falantes de espanhol.

⁴ Acerca da presença do elemento indígena em Curaçao, Maurer (1998, p. 186) menciona que os índios que viviam em Curaçao depois da conquista holandesa não eram necessariamente os mesmos que lá estavam quando os espanhóis chegaram. Segundo o autor, esses indígenas pós-1634 possivelmente pertenciam a etnias que guerreavam com os espanhóis.

⁵ Citação original: “Historical evidence contradicts commonly held assumptions about the extermination of Indigenous populations within the first hundred years of colonization, about the lack of contact between Indigenous populations and populations of European descent and African descent, about the total isolation and marginalization of Indigenous populations, as well as about their lack of resistance to invasion. Contrary to prevailing discourses among creolists, Indigenous peoples were not only present on ‘critical islands’ at ‘critical periods’ but also had extensive and intimate contact with both African descended and European descended populations.”

Além do papel desempenhado pelos indígenas, outro ponto basilar para as hipóteses defensoras da origem espanhola é o de que o espanhol era falado em Curaçao desde 1499, quando os espanhóis chegaram à ilha. Mesmo com o início da colonização holandesa, o uso do espanhol perdurou na ilha (com maior ou menor intensidade) entre os diversos segmentos, o que permitiu que a língua hispânica influenciasse o papiamentu desde os seus primórdios (Rona, 1970, p. 2; Ferrol, 1982, p. 24, 85). Segundo Munteanu (1996, p. 86-87, 225), alguns fatos podem ser destacados como prova dessa presença do espanhol no período de formação do papiamentu e da não interrupção no seu uso no decorrer do tempo, tais como: (i) os casamentos entre pessoas pertencentes a diferentes grupos, como protestantes e católicos (libertos ou sul-americanos); (ii) as relações comerciais e culturais mantidas entre Curaçao e os países hispanofalantes circunvizinhos desde o período do comércio escravo; (iii) o trabalho de evangelização realizado pelos missionários católicos espanhóis; (iv) a presença no papiamentu de traços linguísticos característicos do espanhol que não podem ser explicados por uma re-hispanicização posterior, isto é, pela influência do espanhol falado no continente americano, sobretudo na Venezuela e na Colômbia; (v) a existência de pares de palavras sinônimas, sendo um dos membros proveniente do espanhol e o outro do holandês.

No que tange a esses pares de palavras sinônimas, no *Woordenlijst der in de landstaal van Curaçao meest gebruikelijke woorden met Zamenspraken* ('Glossário com as palavras mais utilizadas no vernáculo de Curaçao e guia de conversação') (doravante *Woordenlijst*) (Frederiks e Putman, 2004[1859]), exemplar do papiamentu clássico (1825 a 1905), foram encontrados casos em que havia dois significantes diferentes (um oriundo do holandês e o outro do português ou do espanhol) remetendo a um mesmo significado⁶:

FLP20(2)

- (1) a. **ADER ader, ardu** (< holandês *ader*) e
BÉNA bena, vena (< espanhol *vena*) 'veia';
- b. **SMAAK smak** (< holandês *smaak*) e
GOESTO gustu (< espanhol *gustu*) 'sabor, paladar, gosto';
- c. **BEDAAR bedar, bedaru** (< holandês *bedaren*) e
KALMÁ kalma (< português/espanhol (*a*)*calmar*) 'acalmar, tranquilizar, aliviar, sossegar';
- d. **STRAAF straf** (< holandês *strafen*) e
KASTIGA kastigá (< português/espanhol *castigar*) 'castigar, punir';
- e. **SNOEI snui** (< holandês *snoeien*) e
KORTA kòrta (< português/ espanhol *cortar*) 'cortar, retalhar, podar, reduzir';
- f. **SPRENKEL sprengu** (< holandês *sprenkelen*) e
MOEHA muha (< espanhol *mojar*) 'borrifar, respingar, molhar'.

Observa-se que, nesses casos, tanto os vocábulos provenientes do holandês quanto os oriundos de uma língua ibero-romância ainda são usados na variedade moderna. Feito isso, na seção seguinte, passa-se à discussão das hipóteses que

⁶ A possibilidade de um mesmo significado poder ser veiculado por dois vocábulos de étimos diferentes (holandês e português/espanhol) também é apontada por Lenz (1928, p. 213, 251, 256-257). Os exemplos são apresentados da seguinte forma: os vocábulos aparecem na forma em que eram grafados no *Woordenlijst* e em negrito e caixa alta seguidos das suas formas modernas na grafia atual em negrito. Após as formas gráficas na sincronia pretérita e na atual, segue-se a glosa em português.

defendem uma origem espanhola para o papiamentu, discutindo seus aspectos sócio-históricos e linguísticos.

3 DISCUSSÃO DAS HIPÓTESES DO PAPIAMENTU COMO UM CRIOULO ESPANHOL

Dentro dos estudos sobre o papiamentu, em geral, as hipóteses que advogam uma origem espanhola são pouco aceitas por carecerem de embasamento histórico e demográfico. Araujo (2011, p. 17) aponta que alguns autores – a exemplo de McWhorter (1995) – rechaçam tais hipóteses por considerarem que, em virtude de estarem limitados pelo Tratado de Tordesilhas, os espanhóis não criaram condições sócio-históricas para o surgimento de línguas crioulas no Atlântico ibérico. De acordo com McWhorter (1995, p. 227-228), a partir de uma perspectiva sócio-histórica e comparativa, é possível concluir que os supostos crioulos espanhóis (o papiamentu de Curaçao, Aruba e Bonaire, o crioulo espanhol das Filipinas e o palenquero da Colômbia) na verdade têm sua origem relacionada a um crioulo de base portuguesa, que mais tarde foi relexificado em direção ao espanhol. No caso específico do papiamentu, o autor aponta alguns aspectos que sustentam essa afirmação: (i) o espanhol só passou a fazer parte da sociedade curaçolense (após os anos iniciais de ocupação) num período posterior à formação do papiamentu, quando judeus falantes de espanhol migraram da Holanda para a ilha caribenha e se tornaram a maior parte da população branca; (ii) os itens de étimo português fazem parte do vocabulário básico do papiamentu. Em uma perspectiva mais geral, McWhorter (1995, p. 237-240) apresenta três razões para o não desenvolvimento de crioulos de base espanhola na região atlântica. Em primeiro lugar, as colônias espanholas inicialmente se dedicavam a cultivos que envolviam uma pequena quantidade de mão-de-obra, passando ao regime açucareiro de larga escala apenas a partir do século XIX. Nessas colônias com baixo número de escravos, a língua-alvo (do colonizador) estava mais acessível para a população dominada, que difundiria esse modelo linguístico para os escravos recém-chegados. Além disso, a hegemonia anterior do português em regiões posteriormente ocupadas pelos espanhóis (como as Filipinas e a Colômbia) impediram a pidginização do espanhol; o que ocorreu foi a relexificação gradual pelo espanhol de um crioulo inicial de base portuguesa. Tal processo foi facilitado pelas grandes similaridades (decorrentes da proximidade genética) existentes entre as duas línguas ibero-românicas. Por fim, os espanhóis não estabeleceram entrepostos na costa ocidental africana, o que não permitiu o surgimento de um pidgin de base espanhola (para fins comerciais), que poderia ser mais tarde levado para as colônias por meio dos escravos. Esse cenário se deu em virtude das condições econômicas mais escassas da Espanha (em comparação com outras metrópoles), de sua política financeira isolacionista e da baixa demanda por mão-de-obra escrava (sobretudo para suas colônias). Segundo McWhorter (1995, p. 238), dentre esses três aspectos, a causa principal da ausência de crioulos de base espanhola estaria no desinteresse por parte da metrópole em desenvolver um sistema de produção agroindustrial em larga escala em suas colônias. A argumentação do autor pode ser resumida da seguinte maneira:

Em síntese, o desinteresse espanhol em estabelecer economias de *plantation* de larga escala atrasou a expansão da produção de açúcar em suas colônias, eliminou o ímpeto para estabelecer um comércio de escravos privado na África e encorajou encontros em territórios onde outros poderes tinham estabelecido hegemonia linguística sobre

populações subordinadas antes da chegada dos espanhóis. Como resultado, nenhum pidgin de base puramente espanhola resistiu em qualquer lugar no globo⁷ (McWhorter, 1995, p. 239, tradução nossa).

Segundo McWhorter (1995, p. 239-240), seu posicionamento teria o mérito de conseguir explicar a ausência dos crioulos de base espanhola sem precisar supor que os colonizadores espanhóis eram mais dóceis no tratamento dos povos conquistados (beirando a igualdade) ou que outrora houve um crioulo de base espanhola profundamente difundido nas colônias e posteriormente extinto.

Acerca da não existência de crioulos de base espanhola na América Latina, Mufwene (2001, p. 63) adota um argumento similar ao de McWhorter (1995) e aponta que, de acordo com Chaudenson (1992), esse cenário poderia ser explicado pelas diferenças de duração da fase das sociedades de propriedade (*homestead societies*). Durante essa fase inicial, que precede o sistema de *plantation*, o número de escravos africanos era pequeno, sendo suplantado, no decorrer dos anos, por escravos nascidos na colônia. Uma vez que, nas colônias espanholas da América Latina, a fase das sociedades de propriedade durou bastante tempo (o que se refletiu em um número maior de escravos nativos, sendo limitada a influência dos africanos recém-chegados na configuração de uma nova língua) e, durante esse período, os missionários espanhóis se dedicavam majoritariamente à cristianização dos escravos e ao ensino do espanhol, a reestruturação dessa língua ibérica não ocorreu vinculada a critérios raciais, não permitindo a configuração de uma língua crioula.

Além desse aspecto mais geral, há ainda outros pontos discutíveis nas hipóteses que advogam uma base espanhola para o papiamentu. Primeiramente, pode-se apontar que, embora os espanhóis tenham chegado a Curaçao em 1499, ocupando-a de fato entre os anos de 1521 e 1634, eles nunca se empenharam realmente em colonizar e desenvolver a ilha, já que a consideravam de pouco valor utilitário em virtude da ausência de metais preciosos e até mesmo de água potável. Assim sendo, o número de espanhóis na ilha era ínfimo para que sua língua pudesse servir de modelo para a formação do papiamentu. Quando os holandeses chegaram em 1634, poucos espanhóis estavam em Curaçao; eles tiveram que sair da ilha (muitos, voluntariamente) e deixaram para trás somente cerca de 75 indígenas (Martinus, 1996, p. 3-4). Segundo Jacobs (2012a, p. 25, 28-29), o fato de os espanhóis terem deixado Curaçao quando os holandeses ocuparam a ilha mostra que é improvável que tenha havido uma continuidade linguística entre o período anterior e posterior a 1634, como considerado pelas hipóteses que sugerem uma origem espanhola. Munteanu (1996, p. 118, 130), por exemplo, afirma que, quando os holandeses ocuparam Curaçao, o uso do espanhol não cessou completamente (pelo menos parte da população indígena que permaneceu na ilha falava algum tipo de espanhol) e, assim, essa língua pôde influenciar o papiamentu desde seus primórdios. Grant (2008b, p. 88) também advoga que a colonização holandesa não significou uma ruptura com o espanhol; para ele, os índios falavam uma forma de espanhol reestruturado ou um espanhol aprendido como segunda língua, que se difundiu na ilha nos anos subsequentes. Dados históricos mostram que os holandeses não

⁷ Citação original: "In summary, the Spanish disinterest in establishing large-scale plantation economies delayed the expansion of sugar production in its colonies, eliminated the impetus to establish a private slave trade in Africa, and encouraged encounters in territories where other powers had established linguistic hegemony over subordinated populations before their arrival. As a result, no purely Spanish-based pidgin has endured anywhere on the globe."

permitiram tal continuidade: não só os poucos espanhóis, como também a maior parte dos indígenas foram deportados para o continente americano, sobretudo para a costa da Venezuela (restando na ilha, conforme mencionado, apenas cerca de 75 deles). Não há registro de contato entre essa pequena parcela de indígenas e os novos habitantes da ilha e, mesmo que tal contato tenha ocorrido, o número de arauacanos (indígenas que viviam em Curaçao quando os holandeses chegaram) era muito pequeno para que pudesse influenciar a formação do papiamentu por meio da transferência de um pidgin indígena-espanhol (supostamente a base da qual o papiamentu teria derivado) para os holandeses, que, mais tarde, seria passado por eles para seus escravos – Birmingham (1970, p. 135) também apresenta esse argumento. Ademais, não há evidência de que os espanhóis e os índios arauacanos falavam um pidgin ou crioulo de base espanhola, nem que os arauacanos falavam uma forma de espanhol dos séculos XV e XVI (Jacobs, 2009b, p. 15). No âmbito linguístico, Quint (2000, p. 184-185) aponta um argumento contra essa continuidade linguística – a saber, o comportamento do fonema /ʃ/, que apresenta um percurso evolutivo bastante diferente do espanhol, aproximando-se do caminho seguido pelo português. A partir da discussão Quint (2000, p. 184-185) e de Jacobs (2009b, p. 15-17), nota-se que, até o século XVII, o espanhol ainda tinha /ʃ/, como em [mu'ʃer] ‘mulher’ e [bi'aʃe] ‘viagem’, contudo as formas que se mantiveram no papiamentu foram [mu'he] e ['bjaha]. Por outro lado, palavras de provável procedência portuguesa (a exemplo de **desha** ‘deixar’, **pishiporko** ‘peixe porco’ e **mishi** ‘mexer’) e mesmo outras em que não é possível determinar com certeza se o étimo é português ou espanhol (como **dushi** ‘doce’, **shushi** ‘sujo’) também apresentam o /ʃ/, o que é um indicativo de que tal fonema estava desde os primórdios do papiamentu, quando havia a influência do português.

FLP20(2)

Jacobs (2012a, p. 334-335) discute ainda a questão dos serviços de missionários religiosos falantes de espanhol em Curaçao, fato muitas vezes considerado pelos defensores de uma origem espanhola como prova de que havia uma variedade de espanhol na ilha que poderia ter servido como base para a formação do papiamentu. Para o autor, apesar de haver registros de que realmente padres católicos provenientes da Venezuela foram para Curaçao no fim do século XVII com o objetivo de cristianizar escravos, as relações entre esses padres falantes de espanhol e os escravos curaçolinhos em períodos mais antigos não estão documentadas detalhadamente. Assim, não seria possível garantir uma grande influência do espanhol das missões religiosas nos alicerces do papiamentu, podendo-se presumir, contudo, que essas missões foram importantes num período posterior à formação da língua, contribuindo para seu processo de relexificação e subsequente caráter hispanicizado. Ademais, caso o espanhol tivesse um papel na configuração inicial do papiamentu, isso teria sido documentado pelos espanhóis, pois o clero certamente faria gramáticas e dicionários para ensinar a língua que estava se formando. Para Araujo (2011, p. 206-208, 220-221), o espanhol foi importante pelo menos no final do século XVIII e começo do XIX. Nessa época, muitos padres católicos holandeses empregavam uma ortografia hispanicizante, o que revela que o espanhol tinha alguma influência em Curaçao. Sobre a questão de o espanhol servir como modelo para a formação do papiamentu, Martinus (1996, p. 30, tradução nossa) também se mostra descrente, já que

[...] é muito difícil descobrir um *input* fonte para o espanhol nas Antilhas Holandesas durante o período da ocupação espanhola: pouquíssimos

espanhóis habitavam as ilhas durante esse período que nem mesmo um pidgin espanhol-indígena pode ser hipotetizado, quanto menos um do qual todo o reino castelhano participava⁸.

Outro ponto problemático, mencionado por Martinus (1996, p. 19, 22), é que as hipóteses que defendem uma base espanhola para o papiamentu não têm um modelo explícito de aquisição da linguagem. O autor aponta que Emilio Teza (1864 apud Martinus, 1996, p. 19), por exemplo, afirma apenas que a fonte principal para a aquisição da linguagem era o ambiente das casas-grandes dos donos de escravos, de onde sairia o modelo de língua a ser aprendido pelos cativos. Esse cenário pressupõe uma certa frequência de uso do espanhol, com os escravos tendo acesso a essa língua-alvo, o que é bastante improvável (considerando que não houve continuidade no uso do espanhol após a ocupação holandesa). Em Rona (1971 apud Martinus, 1996, p. 22), por seu turno, também não fica claro de quem os habitantes de Curaçao aprenderam o espanhol, nem como se deu tal aprendizado: não fica definido se o léxico espanhol gradualmente foi começando a fazer parte da gramática das línguas africanas ou se a gramática dessas línguas foi aos poucos sendo incorporada ao espanhol falado como segunda língua pelos escravos. O autor também desconsidera a heterogeneidade linguística presente no segmento escravo. Ademais, não se sabe quem eram esses aprendizes de espanhol como segunda língua, já que havia poucos (praticamente nenhum) escravos em Curaçao quando a ilha esteve sob o domínio espanhol e os indígenas foram expulsos em massa quando os espanhóis chegaram (sendo enviados para a ilha Hispaniola), havendo, assim, poucos índios quando, em 1634, os holandeses tomaram a ilha *de facto*. O próprio Rona (1970, p. 8, tradução nossa) deixa claro que não vai discutir questões relacionadas ao aprendizado:

Em uma palavra, entendemos por papiamentu uma língua criada mediante a aplicação da gramática africana da costa da Guiné a um léxico espanhol do Caribe. Não é necessário decidir o que aconteceu primeiro, se o léxico penetrou paulatinamente na língua dos africanos, ou se a gramática africana penetrou paulatinamente no espanhol que os africanos intentavam falar. A questão é bizantina, já que, em nossa opinião, o papiamentu não é nem uma coisa, nem outra, senão algo completamente antilhano, confluência de ambas as coisas⁹.

No âmbito linguístico, Jacobs (2012a, p. 27-28) questiona como as hipóteses que sugerem uma origem espanhola explicam o fato de os elementos de procedência portuguesa estarem presentes nos estratos mais profundos do vocabulário básico do papiamentu. Jacobs (2012a, p. 83-141) mostra que há uma predominância de palavras funcionais derivadas do português no papiamentu, como se observa em (2) (exemplos retirados de Jacobs, 2012a, p. 258; PT – português; ESP – espanhol):

⁸ Citação original: “[...] it is very difficult to discover an input source for Spanish in the Netherlands Antilles in the Spanish period: So few Spaniards inhabited the islands during that time that not even a Spanish-Indian pidgin can be hypothesized, let alone one in which the whole Castilian kingdom took part.”

⁹ Citação original: “En una palabra, entendemos por papiamentu una lengua creada mediante la aplicación de la gramática africana de la costa de Guinea, a un léxico español del Caribe. No es necesario decidir cuál fue primero, si el léxico penetró paulatinamente en la lengua de los africanos, o si la gramática africana penetró paulatinamente en el español que los africanos intentaban hablar. La cuestión es bizantina, ya que, a nuestro juicio, el papiamentu no es ni una cosa, ni otra, sino algo completamente antillano, confluencia de ambas.”

- (2) a. **nos** 1ª pessoa do plural (< PT *nos*, ≠ ESP *nosotros*)¹⁰
 b. **mes** ‘mesmo’ (< PT *mesmo*, ≠ ESP *mismo*)
 c. **na** ‘em’ (< PT *na* (*en* + *a*), ≠ ESP *en* + *lá*)
 d. **te** ‘até’ (< PT *até*, ≠ ESP *hasta*)
 e. **for di** ‘fora, desde’ (< PT *fora de*, ≠ ESP *fuera de*)
 f. **ken** ‘quem’ (< PT *quem*, ≠ ESP *quien*)
 g. **unda** ‘onde’ (< PT *onde*, ≠ ESP *donde*)
 h. **-mentu** sufixo formador de nomes a partir de verbos (< PT *-mento*, ≠ ESP *-miento*)

Tais palavras pertencem às camadas mais conservadoras da gramática da língua, sendo mais estáveis que os itens pertencentes ao léxico, e, assim, menos suscetíveis a sofrerem mudanças no decorrer do tempo e serem substituídas (Thomason e Kaufmann, 1988, p. 14; Matras, 2009, p. 153-165). Se o papiamentu fosse um crioulo de base espanhola, o cenário seria outro: no âmbito das palavras gramaticais, haveria mais itens de origem espanhola. Assim sendo, para Jacobs (2012a, p. 319-327), o caráter mais hispanicizado do papiamentu moderno se deveria não a uma origem espanhola, mas a um maciço processo de relexificação ocorrido aproximadamente entre meados do século XVII e o XVIII. Para sustentar a assertiva de que o processo ocorrido no papiamentu foi uma relexificação maciça (e não um cenário de empréstimo pesado), Jacobs (2012a, p. 323) apresenta duas evidências. Em primeiro lugar, o processo de substituição de palavras oriundas do português no papiamentu por itens derivados do espanhol não se restringiu a alguns itens do vocabulário de conteúdo ou certas preposições, advérbios e conjunções pouco usados; ao contrário, ele atingiu palavras do vocábulo básico da língua. Esse cenário aparece nos casos de relexificação, não se verificando, contudo, quando se tem empréstimo lexical (que, geralmente, afeta domínios específicos do vocabulário da língua, podendo não aparecer na comunicação mais geral). Como exemplos, citam-se algumas palavras de uso comum em papiamentu retiradas da lista Swadesh¹¹ com 100 vocábulos, todas de provável étimo espanhol (exemplos retirados de Jacobs, 2012a, p. 324):

- (3) a. **hòmber** ‘homem’ (< ESP *hombre*, ≠ PT *homem*)
 b. **muhé** ‘mulher’ (< ESP *mujer*, ≠ PT *mulher*)
 c. **persona** ‘pessoa, ser humano’ (< ESP *persona*, ≠ PT *pessoa*)
 d. **palu** ‘1. árvore, 2. pau, madeira’ (< ESP *palo*, ≠ PT *pau*)
 e. **kueru, piel** ‘pele’ (< ESP *cuero, piel*, ≠ PT *couro, pele*)
 f. **sanger** ‘sangue’ (< ESP *sangre*, ≠ PT *sangue*)
 g. **wesu** ‘osso’ (< ESP *hueso*, ≠ PT *osso*)
 h. **strea** ‘estrela’ (< ESP *estrella*, ≠ PT *estrela*)
 i. **pieda ~ piedra** ‘pedra’ (< ESP *piedra*, ≠ PT *pedra*)
 j. **kayente** ‘quente’ (< ESP *caliente*, ≠ PT *quentè*)

¹⁰ Neste artigo, os dados do papiamentu aparecem em sua grafia oficial atual e em negrito. Já as palavras do português (PT) e do espanhol (ESP) são grafadas em itálico, seguindo a grafia oficial das duas línguas.

¹¹ A Lista Swadesh reúne itens lexicais do vocabulário básico para diversas línguas do mundo, permitindo, a partir da comparação dos dados, estabelecer as similaridades – e consequentemente as relações genéticas – entre as diversas línguas.

Além disso, em papiamentu, a troca por itens de étimo espanhol ocorreu de forma abrupta, aproximadamente em 100 anos, entre 1600 e 1700 (Jacobs, 2012a, p. 325)¹². Esse caráter rápido, com o processo em geral não durando mais que algumas décadas, caracteriza a relexificação e não o empréstimo, que costuma ocorrer em um intervalo de tempo maior. Apesar de considerar que as mudanças mais antigas do papiamentu em direção ao espanhol são explicadas pelo processo de relexificação, Jacobs (2012a, p. 326; seguindo Holm, 1988, p. 315) salienta que tal posicionamento não implica desconsiderar a ocorrência de casos de empréstimo espanhol em um período pós-formativo. Assim, para ele, as mudanças do papiamentu em direção ao espanhol seriam de dois tipos: (i) relexificação inicial/primeira; (ii) empréstimo regular posterior. Seguindo uma postura similar, Quint (2000, p. 185) aponta que o papiamentu trata os empréstimos provenientes do espanhol de forma diferente a depender se eles são antigos ou recentes. Segundo o autor, de forma geral, os itens lexicais que entraram recentemente sofrem menos modificações do que os de introdução antiga. Essa afirmação, contudo, deve ser revista, uma vez que a adaptação de empréstimos do espanhol no papiamentu moderno (Bandeira, Araujo & Freitas, 2015, p. 169-172) revela a ocorrência de diversos processos como: (i) enurdecimento – **kon.ta.bi.li.da[t]** ‘contabilidade’ (< ESP *contabilida[d]*); (ii) palatalização – **vota[j]on** ‘votação’ (< ESP *vota[sj]ón*); (iii) assimilação – **[o]utomashon** ‘automatização’ (< ESP *[a]utomatización*); (iv) aférese – **[Ø]probechá** ‘lucrar’ (< ESP *[a]provechar*); (v) síncope – **entrenamentu** ‘treinamento’ (< ESP *entrenam[ɲ]ento*); (vi) apócope – **ahorá[Ø]** ‘poupar’ (< ESP *ahora[r]*) / **bateadó[Ø]** ‘batedor’ (< ESP *bateado[r]*). Esses exemplos mostram que não é possível falar em poucas adaptações devido a algumas razões. O primeiro motivo se deve ao próprio processo de empréstimo no qual, de acordo com Paradis (1996), os falantes de língua materna (L1) tendem a interpretar a estrutura de segunda língua ou estrangeira (L2) conforme a estrutura de L1. Por essa razão, os falantes de L1 frequentemente descartam, das palavras incorporadas via empréstimo, informações, contidas em L2, percebidas como redundantes ou proibidas do ponto de vista de L1. Na trajetória de L2 (nesse caso, português e espanhol) até L1 (o papiamentu) ocorre uma série de modificações, uma vez que são línguas diferentes com fonologias diversas. Ademais, o falante não analisa a sua própria fala, buscando distinguir o que é empréstimo do que não é. Por conseguinte, se a palavra circula na língua, tal uso significa que o item é possível. Além disso, não ficou claro o que seria “pouca ou muita adaptação” nos termos de Quint (2000, p. 185), posto que o autor não apresenta o critério usado para a afirmação quantitativa de mudança.

Adicionalmente, é necessário considerar também que à medida que o bilinguismo papiamentu-espanhol aumenta, as pessoas tendem a introduzir na língua caribenha empréstimos espanhóis mais hispanicizados. Esse tratamento diferencial dos empréstimos espanhóis (distinguindo os recentes dos antigos) indica que o papiamentu provavelmente vem tomando palavras emprestadas do espanhol há bastante tempo, havendo um incremento da hispanicização da língua no decorrer dos anos.

¹² Ainda que caracterize o processo de relexificação e o situe temporalmente, Jacobs (2012a, p. 319-335) não explica de forma clara o que engatilhou essa mudança, nem apresenta evidências de que essas palavras antes eram do português. Assim, é possível considerar que a presença dos sefarditas (e seus escravos) em Curaçao pode ter sido o fator que desencadeou a mudança, uma vez que muitos falavam também espanhol.

Especificamente com relação às discussões de Maduro, observa-se que o autor, ao considerar o espanhol como a língua lexificadora do papiamentu, diminui a influência do português. Esse posicionamento é seguido também por outros autores. Segundo Ferrol (1982, p. 27), o aporte português no papiamentu seria tão pequeno (sendo, assim, a maior parte do seu vocabulário procedente do espanhol) que a discussão sobre a base lexical da língua caribenha já estaria encerrada há muito tempo se não fossem as similaridades entre o papiamentu e outras línguas crioulas. Quint (2000, p. 120) e Grant (2008a, p. 51-52, 64-66) também advogam que haveria muito mais palavras de procedência espanhola do que portuguesa no papiamentu. Sustentando seu ponto de vista, Quint (2000, p. 119-120) analisa os possíveis étimos do vocabulário básico do papiamentu, apresentando os seguintes números: (i) português: 6%; (ii) português ou espanhol: 44%; (iii) espanhol: 40%; (iv) outras línguas românicas: 2%; (v) holandês: 8%. A partir dessas cifras, observa-se que os itens derivados do espanhol no papiamentu correspondem a 84% do total, dos quais 40% não poderiam ter um étimo compartilhado com o português. Grant (2008a, p. 51-52, 64-66), por seu turno, considera que os vocábulos de étimo português formariam uma espécie de 'lista fechada', com um pequeno número de itens pertencentes sobretudo ao vocabulário básico e introduzidos na língua há muitos anos, não havendo a entrada maciça de novos elementos nos últimos tempos. Ademais, segundo o autor, algumas dessas palavras de procedência portuguesa também estariam presentes em variedades do espanhol antilhano (como empréstimos antigos do português ou como resquícios do espanhol dos séculos XV e XVI), que poderia ter fornecido os itens para o papiamentu. Em outra obra, Grant (2008b, p. 81) aponta ainda que o fato de o espanhol e o português do século XVII serem mais próximos do que as duas línguas são hoje tem sido um aspecto negligenciado pelos estudos, o que leva a atribuir étimos portugueses quando formas arcaicas do espanhol também seriam possíveis. Munteanu (1996, p. 123) também defende uma posição similar, afirmando que quase todas as transformações fonéticas consideradas como prova de uma origem portuguesa seriam também encontradas no espanhol peninsular do século XVI e no espanhol falado pelos colonizadores e pelos sefarditas e seus escravos.

De maneira geral, observa-se que, a despeito de possuir méritos, a análise de Maduro termina cometendo muitos dos erros metodológicos e teóricos apontados por Rona (1970, p. 3-4), a saber: (i) considerar que a comprovação de uma etimologia portuguesa ou espanhola para determinados vocábulos do papiamentu (ou seja, os étimos por si só) acabaria com a dúvida sobre a origem (portuguesa ou espanhola) da língua; (ii) comparar os vocábulos do papiamentu com o espanhol acadêmico e atual, e não com o espanhol popular e falado na época em que o papiamentu foi formado; (iii) basear as comparações na grafia, que, em espanhol, não se baseia em critérios totalmente fonológicos; (iv) desconsiderar as diversas vias pelas quais palavras podem ter entrado no papiamentu, associando a questão linguística a fatores sócio-históricos; (v) utilizar vocábulos que são usados em todo o Caribe, inclusive palavras indígenas; (vi) assumir que o papiamentu não teria regras de mudança interna, desconsiderando que as palavras atuais do papiamentu não coincidem necessariamente com a forma que elas tinham ao entrarem na língua.

Freitas, Bandeira e Araujo (2014, p. 438-443) fazem uma análise das palavras de 'étimo ibérico' (sobretudo português, espanhol e galego) presentes nas obras de Maduro e mostram que o aporte português no papiamentu é muito maior do que

defendido pelo autor caribenho. No que tange à base lexical do papiamentu, dada a dificuldade, muitas vezes, em determinar se um vocábulo provém do português ou do espanhol, é possível defender que o papiamentu teria uma base luso-espanhola. O termo ‘luso-espanhol’ se refere ao português e ao espanhol, não considerando o galego e o catalão, também falados na região da Península Ibérica. Assim, com o termo ‘base luso-espanhola’, assume-se que o espanhol e/ou o português foram as línguas lexificadoras do papiamentu, isto é, as que forneceram a maior parte do seu léxico.

4 A GÊNESE E DESENVOLVIMENTO DO PAPIAMENTU: A CONVERGÊNCIA DE HIPÓTESES

Com base nas seções precedentes, é possível concluir que o papiamentu não é um crioulo de base espanhola. A partir de uma discussão pormenorizada em Freitas (2016) – na qual se apresentam farta argumentação e dados linguísticos e sócio-históricos para sustentar seu posicionamento –, observa-se que a gênese e o desenvolvimento do papiamentu não podem ser explicados tendo o espanhol como ponto de partida (ainda que essa língua românica venha exercendo influências na língua caribenha desde os seus primórdios). Assim, após a leitura e discussão das hipóteses apontadas na seção 1 no que tange a seus aspectos linguísticos e históricos, observa-se que duas delas apresentam argumentos e fatos evidenciáveis: a relação do papiamentu com o kabuverdianu, sobretudo a variedade falada na ilha de Santiago e o papel dos judeus sefarditas e seus escravos. Escolher apenas uma dessas hipóteses não seria apropriado, uma vez que nenhuma das duas sozinha consegue explicar satisfatoriamente as condições envolvidas no surgimento do papiamentu, fornecendo um retrato parcial. Diante disso, é necessário falar então em uma *convergência de hipóteses*, seguindo uma abordagem similar àquela defendida por Faraclas et al. (2014) ao estudar a formação dos crioulos atlânticos de forma geral. Esses autores advogam a necessidade de se considerar um cenário plurilíngue e pluricultural, atribuindo importância a uma multiplicidade de fatores, como as línguas africanas e europeias presentes na região e os universais linguísticos. Assim sendo, diferentes segmentos sociais influenciaram a configuração dos crioulos, devendo ser considerada a atuação conjunta desses grupos para que se tenha uma compreensão global do processo que deu ensejo às línguas crioulas.

Essa abordagem multifacetada permite explicar o cenário da gênese e do desenvolvimento do papiamentu a partir de uma confluência de fatores: o kabuverdianu de Santiago, o ‘dialeto’ português dos judeus sefarditas e seus escravos, as línguas africanas, o espanhol, o holandês. Independentemente do nível maior ou menor de influência, todos esses elementos contribuíram para formar a língua caribenha.

A Figura 1 ilustra o cenário da convergência de hipóteses:

FLP20(2)

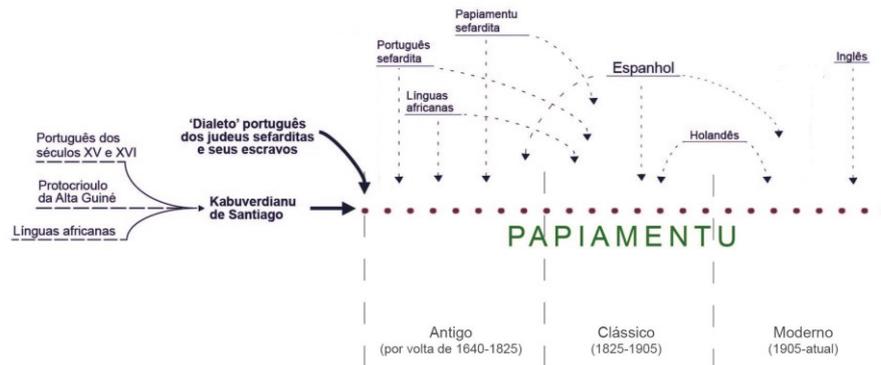


Figura 1 – Convergência de hipóteses (Freitas, 2016, p. 223).

A partir do kabuverdianu de Santiago e do português falado pelos judeus sefarditas e seus escravos, o papiamentu começou a se formar por volta de meados do século XVII. Ao lado do português, desde os seus primórdios, o papiamentu recebe influências do espanhol, possuindo, desse modo, uma base luso-espanhola. Esse papel do espanhol é indicado na figura por meio de setas pontilhadas nos três períodos da língua: antigo, clássico e moderno¹³, mostrando que, até os dias atuais, a influência do espanhol se faz presente. Além da participação do kabuverdianu de Santiago, do português falado pelos judeus sefarditas e seus escravos e do espanhol, outras línguas também forneceram elementos para o papiamentu nos seus diferentes períodos (o que é indicado pelas linhas pontilhadas): (i) no papiamentu antigo e no papiamentu clássico, línguas africanas, o português sefardita e o papiamentu sefardita influenciaram a língua caribenha; (ii) no papiamentu moderno, por seu turno, observa-se uma atuação mais forte do holandês e do inglês no que tange ao fornecimento de vocábulos para o papiamentu.

FLP20(2)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que diz respeito à gênese e ao desenvolvimento do papiamentu, em virtude do exposto, é possível perceber que a defesa de uma origem espanhola para o papiamentu apresenta diversos aspectos controversos. Em uma perspectiva geral, essa hipótese é vista com descrédito pelos estudiosos por não estar assentada em bases históricas e demográficas sólidas. McWhorter (1995), por exemplo, menciona que não se desenvolveram crioulos de base espanhola na região atlântica sobretudo pelo fato de os espanhóis não terem implantado um sistema de *plantation* em suas colônias, cenário que apresenta muitas das condições necessárias para a criouliização. No que tange especificamente ao papiamentu, a hipótese de que essa língua seria um crioulo espanhol atribui um papel de destaque aos indígenas e considera que houve uma continuidade linguística no uso do espanhol desde os primeiros habitantes de

¹³ Essa periodização foi estabelecida por Araujo (2011), considerando marcos miliários das línguas, e compreende três fases: (i) *papiamentu antigo/pré-literário*: poucos registros escritos; (ii) *papiamentu clássico*: de 1825 (ano em que ocorreu a publicação do primeiro material conhecido em papiamentu: *Declaracion corticu di catecismo pa uso di catholica di Curacao pa M. J. Niewindt, prefecto apostolico di Mision di Curacao* (Breve declaração do catecismo para uso dos católicos de Curaçao, por M. J. Niewindt, prefeito apostólico da Missão de Curaçao), marcando o início de uma grafia coesa para a língua) a 1905; (iii) *papiamentu moderno*: de 1905 (quando foi publicado o poema *A tardi*, escrito por Joseph Sickman Corsen) aos dias atuais.

Curaçao até a chegada dos holandeses. Esses argumentos podem ser desconstruídos a partir dos registros que mostram que os índios foram retirados em massa da ilha caribenha, não constituindo um segmento que pudesse garantir a formação e difusão de um crioulo de base espanhola; o mesmo se aplicaria aos espanhóis, que não permaneceram na ilha após a chegada dos holandeses. Ademais, a hipótese de que o papiamentu seria um crioulo espanhol também não possui um modelo explícito de aquisição da linguagem, tampouco fornece uma explicação para a presença de elementos portugueses nas camadas mais basilares (e, portanto, mais antigas) do papiamentu.

Com relação às línguas lexificadoras do papiamentu, defende-se que a língua caribenha possui uma base luso-espanhola, sendo tanto o português quanto o espanhol os principais fornecedores do seu léxico. O aporte português deve datar de um período mais antigo (fazendo parte de estruturas basilares), enquanto o espanhol manteve sua influência até os dias atuais.

Em suma, demonstra-se que, a despeito de o espanhol influenciar a formação do papiamentu, não pode ser considerado sua única fonte, sendo necessário ter em mente outros aspectos para explicar de forma adequada a gênese e o desenvolvimento do papiamentu. Assim sendo, o cenário de uma convergência de hipóteses, considerando a atuação conjunta de falantes de kabuverdianu e de judeus sefarditas e seus escravos (os quais eram falantes de português e do papiamentu sefardita) é mais apropriado para explicar o surgimento da língua caribenha.

REFERÊNCIAS

- Araujo GA. Três textos em papiamentu clássico [tese de livre-docência]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2011.
- Bandeira M, Araujo GA, Freitas S. A presença do espanhol no papiamentu: uma análise sincrônica. *Todas as letras Z*. 2015;17(2):163-175.
- Birmingham Jr JC. The Papiamentu language of Curaçao [tese]. Charlottesville: Faculdade de Filosofia, Universidade da Virgínia; 1970.
- Central Bureau of Statistics (CBS). First results census 2011 – Curaçao [internet]. 2012. [citado 14 out. 2012]. Disponível em: http://www.cbs.cw/cbs/themes/Census%202001/Publications/Census%202001-2012102_3105057.pdf.
- Domingos R. Attitude and language choice in a multilingual society: urban Curaçao. Claremont: Universidade de Claremont; 1974.
- Faraclas N, et al. Creoles and acts of identity: convergence and multiple voicing in the Atlantic Creoles. *PAPIA*. 2014;24(1):173-198.
- Ferrol O. La cuestion del origen y de la formacion del papiamento. Curaçao: Universidad de las Antillas Neerlandesas; 1982.
- Fouse GC. The story of Papiamentu: a study in slavery and language. Lanham/New York/Oxford: University Press of America; 2002.
- Frederiks BT, Putman JJ. Woordenlijst der in de landstaal van Curaçao meest gebruikelijke woorden met Zamenspraken. Fac-símile. Bloemendaal/Curaçao: Stichting Libri Antilliani/Fundashon pa Planifikashon di Idioma; 2004[1859].

- Freitas S. A origem do papiamentu: evidências para uma convergência de hipóteses. *PAPIA*. 2016;26(2):121-235.
- Freitas S, Bandeira M, Araujo GA. A adaptação de palavras do português para o papiamentu. *Filologia e Linguística Portuguesa*. 2014;16(2):433-455.
- Goodman M. The Portuguese element in the American creoles. In: Holm J, Michaelis S, editores. *Contact languages. Critical concepts in language studies*. Vol. 3. Londres e Nova York: Routledge; 1996[1987]. p. 538-586.
- Grant AP. The Portuguese elements in Papiamentu. In: Faraclas N, Severing R, Weijer C, editores. *Linguistic studies on Papiamentu*. Curaçao: Fundashon pa Planifikashon di Idioma; 2008a. p. 47-71.
- Grant AP. A constructivist approach to the early history of Papiamentu. In: Faraclas N, Severing R, Weijer C, editores. *Linguistic studies on Papiamentu*. Curaçao: Fundashon pa Planifikashon di Idioma; 2008b. p. 73-112.
- Jacobs B. The Upper Guinea origins of Papiamentu: linguistic and historical evidence. *Diachronica*. 2009a;26(3):319-379.
- Jacobs B. The origins of Old Portuguese features in Papiamentu. In: Faraclas N, et al., editores. *Leeward voices: fresh perspectives on Papiamentu and the literatures and cultures of the ABC Islands*. Vol. 1. Curaçao: FPI/UNA; 2009b. p. 11-38.
- Jacobs B. *Origins of a creole: the history of Papiamentu and its African ties*. Col. Language contact and bilingualism. New York: Walter de Gruyter; 2012a.
- Jacobs B. Linguistic evidence and historiography: the selection of slaves on Curaçao, 1650-1700. *Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola*. 2012b;3:1-19.
- Kouwenberg S & Muysken P. Papiamentu. In: Arends J, Muysken P, Smith N, editores. *Pidgins and creoles: an introduction*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company; 1995. p. 205-218.
- Lenz R. *El Papiamentu: la lengua criolla de Curazao*. Santiago de Chile: Balcells & Cia; 1928.
- Lipski JM. Spanish-based Creoles in the Caribbean. In: Kouwenberg S, Singler JV, editores. *The handbook of pidgin and creole studies*. Oxford: Wiley-Blackwell; 2008. p. 543-564.
- Lucchesi D, Baxter A. A transmissão linguística irregular. In: Lucchesi D, Baxter A, Ribeiro I, organizadores. *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA; 2009. p. 101-124.
- Luna MVB, Faraclas N. Indigenous peoples and the emergence of the Caribbean Creoles. In: Faraclas N, editor. *Agency and the emergence of Creole languages: the role of women, renegades, and people of African and indigenous descent in the emergence of the colonial era Creoles*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company; 2012. p. 81-110.
- Maduro AJ. *Papiamentu: origen i formacion*. Willemstad: Edição do autor; 1965.
- Maduro AJ. *Procedencia di palabranan papiamentu i otro anotacionnan I (Letter A te M)*. Willemstad: Edição do autor; 1966a.
- Maduro AJ. *Procedencia di palabranan papiamentu i otro anotacionnan II (Letter N te Z)*. Willemstad: Edição do autor; 1966b.
- Maduro AJ. *Vocabulario pa un estudio comparativo*. In: Maduro AJ. *Procedencia di palabranan papiamentu i otro anotacionnan II (Letter N te Z)*. Willemstad: Edição do autor; 1966c. p. 59-72.

- Martinus F. The kiss of a slave: Papiamentu's West African connections. [tese]. Amsterdã: Universidade de Amsterdã; 1996.
- Martinus F. Djuku kaiman 'sklabitut a kaba': orígen i evolushon di papiamentu ku guene. Curaçao: Kas di Kultura Kòrsou; 2007.
- Matras Y. Language contact. Cambridge: Cambridge University Press; 2009. p. 146-165.
- Maurer P. El papiamentu de Curazao. In: Perl M, Schwegler A, editores. América negra: panorámica actual de los estudios lingüísticos sobre variedades hispanas, portuguesas y criollas. Frankfurt/Madrid: Vervuert/Editora Iberoamericana; 1998. p. 139-217.
- Mcworther J. The scarcity of Spanish-based creoles explained. *Language in society*. 1995;24:213-244.
- Mufwene SS. The founder principle in the development of creoles. In: Mufwene SS. Ecology of language evolution. Cambridge: Cambridge University Press; 2001. p. 25-80.
- Munteanu D. El papiamentu, lengua criolla hispánica. Madrid: Gredos; 1996.
- Paradis C. The inadequacy of filters and faithfulness in loanword adaptation. In: Durand J, Las B, organizadores. Current trends in phonology. Salford: University of Salford Publications; 1996.
- Quint N. Le CapVerdien: origines et devenir d'une langue métisse. Paris: L'Harmattan; 2000.
- Rona JP. Elementos españoles y elementos portugueses en el papiamentu. Programa de Promé Simposyo Internashonal di Papyamentu. Curaçao, Willemstad; 1970.
- Smith N. Pernambuco to Surinam 1654-65? The Jewish slave controversy. In: Huber M, Parkvall M, editores. Spreading the word: the issue of diffusion among Atlantic Creoles. London: University of Westminster Press; 1999. p. 251-298.
- Thomason SG, Kaufman T. Language contact, creolization, and genetic linguistics. Berkeley/Los Angeles/Oxford: University of California Press; 1988.
- Van Buurt G. Caquetío Indians on Curaçao during colonial times and Caquetío words in the Papiamentu language. In: Faraclas N, et al., editores. Leeward voices: fresh perspectives on Papiamentu and the literatures and cultures of the ABC Islands. Vol. 1. Curaçao: FPI/UNA; 2009. p. 57-82.